

Desafios na construção de um eixo teórico metodológico nos estudos de recepção

Fábio Soares da COSTA¹
Janete de Páscoa RODRIGUES²

Resumo

Este estudo busca desenvolver uma discussão sobre as relações conceituais entre os estudos de recepção e o campo da comunicação num enlace histórico e metodológico que trata da origem, desenvolvimento e dos principais desafios dos estudos de audiência como eixo teórico do campo da comunicação. O imperativo dos novos desafios para uma construção epistemológica mais sólida dos estudos de audiência nos fez reproduzir reflexões como as de Orozco Gomes e Eliseo Verón, quanto à necessidade de reinventar, ressignificar e deslocar o entendimento latino-americano sobre as mediações, o que inaugurou a noção de circulação como novo foco para o tratamento hermenêutico dos estudos de recepção.

Palavras-chave: Circulação. Comunicação. Mediações. Recepção.

Introdução

Os estudos de recepção desenvolvidos na América Latina ao longo das últimas décadas têm se tornado bastante representativos dentro do campo da comunicação, principalmente no universo acadêmico, que vem estudando qualitativamente os aspectos das mediações, da mudança do foco dos meios para a recepção, do consumo e do exercício da cidadania hoje.

Esta produção tem por objetivo apresentar, de maneira sucinta, o percurso feito pelos estudos em Comunicação e, de forma mais fundamentada, a relação dos estudos de recepção com este campo, bem como a construção do eixo teórico que fundamenta a importância dos estudos de audiência e seus pressupostos. Também, e não

¹ Mestrando do PPGCOM – UFPI. E-mail: fabiosoares.com@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Profa. do PPGCOM – UFPI. E-mail: janetepascoa@yahoo.com.br

menos importante, apresentamos comentários sobre as relações entre comunicação e cultura, com um enfoque nas mediações e na recepção, não mais nos meios como nos estudos tradicionais de comunicação. Assim, elencamos uma série de considerações a respeito de novas perspectivas, caminhos e desafios que os estudos de recepção precisam abarcar no século XXI.

O eixo orientador desta discussão, inicialmente foi a premissa de Baccega (1998), na qual afirma que a comunicação é construída no encontro de dois polos: a emissão e a recepção, que interagem e a partir das referências culturais, promovem a construção do sentido. Daí, como o direcionamento de nosso estudo está nas audiências, orienta-nos em nosso percurso conceitual a ideia do leitor participativo de Martín-Barbero (2001), que ao passear por todo o contexto latino-americano de estudos de comunicação encontra coadunação e apoio nos estudos culturais, no entendimento das mediações, da hegemonia não mais imposta, mas sim negociada, na importância da cultura popular e do seu uso nas indústrias culturais de massa, na ideia do consumidor cidadão e na necessidade de um contexto metodológico mais alicerçado e com variáveis mais fidedignas que possam amparar epistemologicamente os estudos de recepção.

Desta forma, esta apresentação contextual não poderia deixar de ser fundamentada nas proposições de Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Guillermo Orozco Gómez e Eliseo Verón, conectadas com as de Ana Carolina Escosteguy, Nilda Jacks, Mauro Wilton Sousa e Antônio Fausto Neto, na qual discutiremos os aspectos conceituais e a importância dos estudos de recepção dentro da comunicação.

Comunicação e Recepção

José Galindo Cáceres, prefaciando Escosteguy; Jacks (2005, p. 8), em sua obra “Comunicação e recepção” afirma que a comunicação está por toda parte, quer seja referenciada por especialidades, na linguagem comum ou no léxico, composto por canais de difusão da informação, ainda, trazendo uma gama de sentidos que participam da contemporaneidade. Já Rüdiger (1998, p. 17 citado por Escosteguy; Jacks, 2005, p. 8), referencia o termo comunicação, numa perspectiva sociológica como “um processo social primário, reservado para designar os relacionamentos entre os seres humanos que

constituem a sociedade”. E também assevera seu pensamento no livro Comunicação e teoria social moderna:

A comunicação não é uma ciência, mas um campo de estudo multidisciplinar, cujos métodos de análise não têm qualquer especificidade, foram desenvolvidos pelos diversos ramos do conhecimento filosófico, histórico ou sociológico. O conceito do mesmo não dispõe de autonomia teórica, deve ser pesquisado no quadro das teorias da sociedade (RUDIGER, 1996, p. 17).

Historicamente, a importância dos estudos de comunicação enseja-se no pluralismo analítico, onde sociologia, política, antropologia e psicologia assumem um papel central. A origem fundada em outros campos do conhecimento, com a exploração dos meios de comunicação de massa norte americanos, utilizando-se, preponderantemente, do caráter comercial das pesquisas de audiência voltadas para o mercado, também a caracteriza. Todavia, pode-se observar, que as ciências da natureza compunham este panorama a partir de estudos em que é possível observar a procura das consequências mais básicas de um processo, separando-se radicalmente o sujeito do conhecimento, do campo do objeto de estudo. (MUÑOZ, 1955, p. 50-51).

Mauro Wilton de Sousa, no texto: Recepção e comunicação: a busca do sujeito, procura dinamizar a procura do homem dentro processo de comunicação social contemporâneo e, inicialmente, encontra uma tríplice visão (empírico, teórico e epistemológico) recheada pela dualidade do pensamento cartesiano entre homem e sujeito. Destarte, retoma a fase inicial norte americana (fase hipodérmica) para fundamentar a teoria da dependência e forjar o entendimento das ideias frankfurtianas de reificação do sujeito e contraposição do econômico sobre a sociedade. Daí (após 1970), uma nova fase caracteriza-se pelo entendimento do sujeito-social, que rompe com a perspectiva de depositário de mensagens e passa a ser agente de processos de mediação e negociação, um indivíduo/sujeito/receptor, que encontra, posteriormente, nas ideias gramscianas aportes mais fundacionais. (SOUSA, 1995)

Para iniciar o oportuno entendimento entre o campo da comunicação e os estudos de recepção recorreremos a Baccega (1998), que entende que a comunicação é constituída somente quanto há o encontro de dois polos: o da emissão e o da recepção, promovendo a interação entre os sujeitos.

O interesse de nosso estudo no campo da comunicação, entre outros, dá-se pela percepção de que nas duas últimas décadas do século XX e início do século XXI,

os estudos de recepção ganharam maior importância, principalmente pela negação da passividade do “receptor” frente aos meios de comunicação. Entende-se agora que os indivíduos são capazes de realizar leituras plurais e diferenciadas das mensagens que chegam até ele, quer sejam midiáticas, quer por outros meios. Isto se dá pela necessidade de convergência dos sentidos às suas experiências de vida – à sua cultura.

Ao se tratar de estudos de recepção enquanto eixo teórico em construção é mister evidenciar a abordagem dos Estudos Culturais e da Análise das Audiências que inauguraram a lógica de mudança do entendimento de uma mídia (produtor) ativa, para uma audiência (recepção) ativa, inclusive como produtora de sentidos e construtora das subjetividades de significados. Neste aspecto, ancoramos nosso entendimento em Orozco Gomes (2000, p.57)

[...] el proceso de La comunicación se da dentro de uma cultura y es mucho más amplia que la interacción médio-audiencia o um grupo de la audiência con uno determinado medio o um mensaje; pero se entien que esa interacción *forma parte de uma manera cultural* (...) Este último modelo, el de *análisis de audiências*, entien que el *receptor es activo* y asume que cualquier análisis de medios no se puede dar fuera de um *análisis cultural*. (grifos do autor)

Fortalecendo este percurso, Antonio Fausto Neto acredita que:

[...] o interesse voltado para pesquisas sobre o campo da recepção é um fenômeno relativamente recente, que está diretamente relacionado ao esgotamento dos modelos de inspiração de natureza instrumental positivista dirigidos para a produção e leitura dos fenômenos culturais e comunicacionais”. (FAUSTO NETO, 1995, p. 189)

A base fundamental que move os estudos de recepção, levando-se em conta fatores culturais do indivíduo é a associação deste com um *leitor participativo* (grifo nosso). E, afinal, quem é este leitor? Zanchetta Jr. (2007) traz uma classificação pedagógica interessante para o entendimento conceitual que contém o receptor passivo, o receptor um pouco menos passivo, o receptor quase refém e o receptor participativo. Todavia, os postulados de Jesús Martín-Barbero são mais próximos do que pretendemos enumerar. Assim, O leitor participativo pode ser visualizado a partir da ideia de Martín-Barbero (2001), em que o caracteriza não apenas como um produtor das mensagens, pois este efetua permanente negociações de sentidos, norteando, inclusive o papel da mídia. Estas premissas, afastam a ideia do autor da visão mediocêntrica europeia,

opressora das culturas periféricas, de efeitos previsíveis e delimitável, para, agora, enxergar uma nova forma nas relações sociais, onde se configuram identidades culturais a partir da negociação de sentidos entre quem produz e quem recebe as mensagens midiáticas. E o exemplo empírico mais marcante do autor é a análise do papel da televisão na América Latina, que cada vez mais deve ser lida a partir da dinâmica de seus gêneros e não com instrumental da cultura culta. Esta nova visão que deu grande impulso nos estudos de recepção enquanto eixo teórico do campo da comunicação vem sendo fortalecida na Europa, todavia, cada vez mais na América Latina, como veremos a seguir.

Os estudos de recepção na América Latina

A passagem do marxismo determinista para a defesa do marxismo gramsciano (hegemonia negociada) marcou sobremaneira o percurso dos estudos de recepção na América Latina, e, ainda em 1980, já nota-se algumas mudanças, renovadoras, nas teorias e metodologias do campo da comunicação, com fortes críticas e restrições às matizes até então em vigor. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005). Assim, o privilégio agora passou a ser das relações de ancoragem entre comunicação e cultura, com enfoque nas experiências do homem.

O embrião destas discussões e construções teóricas deu-se com a tradição dos estudos culturais que se desenvolveu a partir do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, fundado em Birmingham, em 1964, com as contribuições de Raymond Williams, E. P. Thompson e Richard Hoggart, que problematizaram as atitudes de contestação, subversão e transformação das classes subalternas frente às leituras dominantes e decodificadas da mídia. Todavia, foi Stuart Hall quem enfrentou mais diretamente a necessidade de explicação intelectual aceitável para a assertiva de que, apesar da produção de uma cultura antagonica, esta ainda permanece impotente na conformação de uma cultura dominante. Ainda, protagonizou discussões importantíssimas sobre interpretação de audiências ativas, em que acreditava que o as mensagens “*recebidas*” são muito mais polissêmicas e abertas a várias interpretações do que tinha suposto até então, isto fazendo com que diferentes grupos culturais

desenvolvam diferentes conjuntos de códigos e discursos de interpretação da cultura de massa. (WHITE, 1998)

Os estudos de recepção surgiram numa perspectiva de superação epistemológica das crenças da época emolduradas pela pesquisa dos efeitos, de usos e gratificações, estudos de crítica literária e estudos culturais, a partir de uma nova proposta metodológica de pesquisas interdisciplinares e multimetodológicas, procurando dar conta das crescentes e complexas demandas, bem como da crítica internacional nessa área.

É, neste contexto, que os estudos latino-americanos ganham corpo e consideração científicos, a partir da consolidação das teorias das mediações e das hibridizações, privilegiando o contraditório, o multidimensional, em que as pessoas vivem sua cotidianidade e exploram suas experiências de vida.

Escosteguy; Jacks (2005) defendem que os estudos de recepção representam, nas últimas duas décadas o principal ponto de desenvolvimento dos estudos culturais latino-americanos, que empiricamente vem contribuindo para a estruturação do campo da comunicação e tornando-se um eixo teórico de significativa importância na academia, sob a ótica dos estudos de comunicação e cultura.

Este momento apresenta a descoberta de um ser humano receptor que tem a capacidade de negociar, ressignificar, reinterpretar as mensagens recebidas, negando e já resistindo a ideia da lógica focal dos meios. Um marco neste processo é a formatação do mapa das mediações que traz modos de produção do público que agenciam formas hegemônicas de comunicação coletiva.

Neste momento, torna-se esclarecedor o que Martín-Barbero (2001, p. 289-290) diz:

Por muito tempo a verdade cultural dos países latino-americanos importou menos do que as seguranças teóricas. E assim estivemos convencidos de que a comunicação nos deveria apresentar *uma* teoria – sociológica, semiótica ou informacional – porque só a partir dela seria possível demarcar o campo de interesses e precisar a especificidade de seus objetos. Entretanto, alguma coisa na realidade se mexeu com tanta força que provocou uma certa confusão, com a derrubada das fronteiras que delimitavam geograficamente o terreno e nos asseguravam psicologicamente. Apagado o desenho do “objeto próprio” ficamos à mercê das intempéries do momento. Mas agora não estamos mais sozinhos: pelo caminho já encontramos pessoas que, sem falar de “comunicação”, não deixam de questioná-la, trabalha-la, produzi-la: gente das artes e da política, da arquitetura e da antropologia. Foi necessário perder

o “objeto” para que encontrássemos o caminho do movimento social na comunicação, a comunicação em processo.

Do hegemônico ao subalterno

Para tratar de estudos de recepção e as suas relações com a cultura, os traços hegemônicos midiáticos e o novo entendimento mediático na composição destas relações é essencial o acompanhamento das ideias de Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, que nas últimas décadas reposicionaram o foco do campo da comunicação para a importância acadêmica devida aos estudos de recepção.

Como objeto de análise e/ou *locus* empírico, as observações e assertivas, dos estudiosos mencionados, são formuladas a partir da recepção televisiva, especificamente, na América Latina, sob a ótica do enfoque da vinculação entre cultura e comunicação no cotidiano, e, desde já, negando a existência de dispositivos midiáticos das indústrias culturais totalmente hegemônicos que manipulam, conduzem e oprimem receptores ingênuos. Ao contrário, as mediações e as considerações culturais surgem neste contexto, a partir de Martín-Barbero (2001), para contrapor a onipotência da mídia na formação de atitudes, sobrepondo totalmente a recepção, sem levar em conta outros fatores mediáticos.

Considerar fatores culturais na formação de atitudes, abrindo um leque de possibilidades e quebrando relações de sobreposição ideológica é de grande valia nos estudos de comunicação, pois o abandono da imagem de reificação e veiculação dos produtos dá margem de emergência de um outro olhar sobre a relação entre cultura e comunicação. Isto pode ser melhor entendido a partir da defesa de E. Galeano (1971, p.36) citado por Martín-Barbero (2003, p. 23) ao citar que:

La estructuras de la dependencia penetran toda la sociedad, y consecuentemente el ámbito de la cultura. Pelo la comprensión de los procesos y los fenómenos de dependencia cultural de America Latina no pueden explicarse a partir de la forma de la dominación actual, necesitamos pensar lo que ella tiene de “herencia cultural”. (grifos do autor)

Entendemos, desta forma, que a cultura está fora, mas também, dentro dos meios de comunicação, que, dentre outras coisas, veiculam culturas tanto hegemônicas quanto subalternas (alternativas), participando das intensas trocas de sentidos entre os

meios e a audiência, que, antes pensada vir somente de um dos polos (meios), entende-se hoje que é negociada, pois provém, também, das mediações utilizadas na recepção.

Este entendimento consegue deslocar a relação direta de comunicação da produção de cultura para a de mediações culturais, que dão conta de novas formas de vida social, consegue ressignificar a figura do ser passivo frente aos meios massivos para a impassividade, para a pluralidade das audiências, que sacramenta a recepção como o *locus* da produção de sentidos, negociados a partir de um panorama cultural do emissor e do receptor.

Evidencia-se, nas considerações de Canclini (2001, p. 27-29) o papel dos estudos culturais no capô da comunicação, quando o autor diz que é preciso:

Deixar de conceber os estudos culturais apenas como uma análise hermenêutica e passar a concebê-los como um trabalho científico que combina a significação e os fatos, os discursos e suas raízes empíricas. (...) construir uma racionalidade que possa entender as razões de cada um e a estrutura dos conflitos e das negociações. (...) Os estudos culturais, entendidos como estudos científicos, podem ser essa forma de renunciar à parcialidade do próprio ponto de vista para reivindicá-lo como sujeito não delirante da ação política.

As considerações sobre a importância da cultura no campo da comunicação residem no premente entendimento do conflito, das divergências e da diferença interpretativa que acontece no processo comunicacional. Ou seja, com a crença de que os sentidos produzidos são negociados, por conseguinte, a absorção da ideia de que a comunicação também é um processo de negociação, tornou-se necessária, a final de contas, com a queda da imagem de um produtor que *aplica uma agulha hipodérmica* em receptores/depósitos, teve-se que, agora, *encontrar* um novo processo: um processo que envolve experiências de vida, bem como as competências comunicativas de quem deles faz parte. (grifo nosso)

E neste contexto de novos entendimentos, a relação entre comunicação, cultura e os estudos de recepção recebem uma contribuição significativa e significativa, a de Ondina Fachel Leal, quanto em seu texto: Etnografia de audiência: uma discussão metodológica, diz que a recepção é:

[...] o lugar privilegiado de negociação e de estruturação do próprio significado. Quer dizer, não é a mensagem em si, não é ela que vai encerrar todo o símbolo, pois o símbolo só existe enquanto tal, ou em sua totalidade,

como um processo interativo, em seu momento de decodificação, isto é, *comunicando*. (grifo do autor) (LEAL, 1995, p. 114)

Leal (1995) acredita que as mediações são responsáveis pelos posicionamentos dos receptores diante dos símbolos produzidos, as leituras não são homogêneas, pois existem variações de interesse e de produção de sentidos diante de um mesmo símbolo, pois o receptor é sempre ativo, vivo e ao assistir a TV sempre utilizará processos de mediação.

O subtítulo *Do hegemônico ao subalterno passando pelas mediações* (grifo nosso) foi motivado pelo acolhimento aos pensamentos de Brittos (1999) que acredita na necessidade de ter que haver deslocamentos conceituais quanto a questão das mediações, das ideias de hegemonia, poder e perspectiva histórica. O autor reforça que foi tratado por Escosteguy e Jacks (2005), quanto ao conceito gramsciano de hegemonia, que para ambos é um ponto de partida no entendimento de que o sentido não é imposto, mas negociado. “A partir desse conceito há uma evolução para a posição que hoje mobiliza um elevado número de pesquisadores latino-americanos, de que a cultura produzida pelas indústrias midiáticas também é um fórum de apropriação das aspirações populares.” (BRITTOS. 1995, p. 5)

Nesta atmosfera de reconfiguração cultural, a valorização dos estudos de recepção se dão pelo fato de que agora é entendido que a incorporação dos valores culturais populares na produção midiática de massa é essencial e necessária, e as ideias gramscianas (reconhecimento de interesses comuns das classes hegemônicas e subalternas que se relacionam a partir da produção de sentidos, sedução, poder e cumplicidade e não mais por imposição dos fortes aos oprimidos), defendidas por Jesús Martí-Barbero são parte importante do reposicionamento dos estudos de comunicação para o século XXI.

Cultura e cotidiano são *locais* onde a hegemonia é perceptível, e hoje, ela tem como principal característica a assimilação/adequação à diversidade cultural. Percebemos que o local, o nacional, o popular, o alternativo, o underground e outras denominações são objeto de incorporação e da procura hegemônica que se consolida na identificação do consumidor com os diversos produtos industriais. (grifo nosso)

Assim, (Brittos, 1995, p. 6) conclui:

No jogo das mediações, cria-se e recria-se a hegemonia cultural. Isto porque o conceito de hegemonia prevê resistências, admitindo acertos e desacertos típicos do processo de recepção. Sendo assim, hegemonia é um conceito que, no seu interior, já prevê o receptor como ativo. Do contrário, não admitiria a possibilidade de resistência do receptor e, portanto, a necessidade de seduzi-lo. É por este motivo que a proposta de hegemonia não confere poderes exclusivos à classe dominante. (...) Ao mesmo tempo, a concepção de hegemonia deve ser pensada como expressão de relações de poder, onde a classe hegemônica dirige a sociedade. Mas a sobreposição não é total. Como a hegemonia prevê a necessidade de reunião de elementos para atingir o consenso do consumidor, é um conceito que, implicitamente, traz um caráter de negociação, permitindo sua associação à idéia das mediações. A adesão à cultura hegemônica não é automática, precisa ser ativada, num jogo que passa, necessariamente, pelas mediações.

Este entendimento de verticalidade também é defendido por Canclini (2001, p. 255), que afirma reconhecer entre o produtor e o receptor várias mediações e ilustra este raciocínio numa passagem que discute a relação hegemônica entre opressores e oprimidos:

A partir das contribuições de Michel Foucault, e também de estudos empíricos, deixou-se de perceber o poder como apenas uma ação dominadora exercida verticalmente sobre os dominados e passou-se a considerá-lo como uma prática descentrada e multideterminada das relações políticas, cujos conflitos e assimetrias são moderados através de compromissos entre os atores colocados em posições desiguais.

Reposicionando o olhar: agora dos meios às mediações

De extrema sugestividade, o tema abordado a seguir parece ser uma reprodução do livro *De los medios a las mediaciones*, de Jesus Martín Barbero (2001), todavia, não se prostra apenas nesta bibliografia, ademais, as contribuições de Néstor García Cancilini e Guilherme Orozco Gomes são de relevância indiscutível para nossas considerações.

Os estudos de recepção convergem o foco de suas atenções na mediação, e a entendem como um processo de interação entre os meios e a audiência, estruturando-o metodologicamente. De modo simplificado, podemos dizer que as mediações são os filtros por que passam quaisquer tipos de comunicação.

Nesta seara, Martín-Barbero (2001) ajuda-nos a entender este fenômeno, que caracteriza-se como um espaço de relações conflituosas, de diferenças, que são sustentadas por anacronias, que conformam culturalmente o cotidiano. Assim, neste

momento o autor ressignifica a defesa de Baccega (1998), acrescentando neste processo as mediações, das mais diferentes formas, incidentes sobre os mais diferentes receptores ou grupos destes que produzem sentidos. Assim, reúne-se com Orozco Gomes (2000) na assertiva de suas três premissas de recepção: 1) a recepção é interação; 2) a interação é mediada de múltiplas maneiras; e 3) a interação não se dá somente no momento de ver TV, possui um antes e um depois.

Nesta tentativa de apresentar os deslocamentos do estudo dos meios para o estudo das mediações, serve-nos de assento os postulados de Verón (2004, p. 236) que traz uma abordagem das dificuldades dos estudos dos efeitos junto a semiótica, acrescentando que uma mensagem nunca produz um só efeito, nem um efeito qualquer. Todavia, os estudos dos mesmos, por meio da interrogação das causas, não deixa naturalizar o signo:

Ler é fazer: é preciso pois, terminar com o procedimento tradicional que se limita a caracterizar o leitor “objetivamente”, isto é, *passivamente* em termos de CSP (Categorias socioprofissionais) ou de estilo de vida, sem jamais indagar-se sobre a questão de saber o que ele faz (ou não faz) quando lê: caso se chegue a responder essa questão, compreender-se-ão melhor as razões pelas quais se lê o que se lê.

Nos estudos, observamos que a materialidade social e a expressividade cultural dos meios de comunicação conformam boa parte das mediações, pois a reprodução dos significados sociais, realizada no cotidiano, considera por demais estes aspectos. Assim, a organização, estruturação, seleção e a apropriação dos sentidos por parte do produtor e do receptor é parte estrutural das mediações. A realidade social é percebida neste momento e construção de identidades culturais também, daí a importância tanto dos meios quanto das mediações, bem como da cultura quanto da comunicação, que representam o vínculo necessário entre os cidadãos.

Metodologicamente e para um melhor entendimento destes processos, Martín-Barbero (2001, p.16; 20) traçou um mapa das mediações, que propõe o relacionamento entre dois eixos, um anacrônico e um diacrônico, e assim assevera:

O que busco com este mapa é reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje, espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural, mas também alertar, ao mesmo tempo, contra o *pensamento único* que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o “grande mediador” entre as pessoas e o mundo, quando o que a tecnologia medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, é a transformação da

sociedade em mercado, e deste, em principal agenciador da mundialização (em seus muitos e contrapostos sentidos).

As mediações (cognitivas, situacionais, institucionais, estruturais, tecnológicas, étnicas, de classe, de sexo, etc.) estão sempre no meio da relação entre os meios com os receptores, fazendo-a diversa, multilateral e indireta, fazendo esta não um momento, mas um processo. Um processo de negociação quanto aos signos possíveis de identificação na relação, que não finda neste momento, apesar da intencionalidade hegemônica que os discursos sociais dos meios têm, pois ela é a mola propulsora da significação.

Todavia, um adendo torna-se importante neste momento. Escosteguy; Jacks (2005, p. 108) criticam:

Nos parece mais importante do que a observação em si mesma, o fato da incorporação do pensamento barberiano na investigação sobre as práticas de recepção midiática, ou seja, o seu entendimento como uma teoria de recepção, o que consideramos um equívoco. Do nosso ponto de vista, a reflexão barberiana propõe um arcabouço para pensar a comunicação como um todo e não só a recepção...

Comentários finais

Percebemos que no Brasil há um processo de construção de um eixo teórico baseado nos estudos de recepção, sobretudo ancorado nos estudos latino-americanos. O ponto fulcral desta construção é a assertiva de um receptor ativo que se relaciona de forma negociada com os meios.

Esta condição pressupõe o entendimento e a defesa do lugar das mediações, todavia, urge de fundamentação metodológica mais precisa para o seu entendimento, pois não é a única. Daí, parece ser a proposta de Guillermo Orozco Gomes a que mais abarca os processos de recepção, apesar das críticas.

O reposicionamento do olhar com enfoque nas mediações traz um fortalecimento teórico metodológico para o que propõe os estudiosos aqui considerados, pois alicerça a percepção de como os hábitos e as atitudes cidadãos norteiam parte das considerações teóricas sobre o campo comunicacional. No entanto, o outro conjunto a que me refiro, o dos processos produtivos, é sobremaneira importante para as reflexões

sobre a recepção/consumo, e deve ser depositário dos interesses dos estudos de recepção também, pois o poder do receptor não é ilimitado.

Sousa (1998), a mais de uma década atrás, indicava que a busca de novos olhares para os estudos de recepção indicava limitações até então, especificamente no binômio teoria e prática, e vice-versa. Nesta linha argumentativa, carente de novos modos de se referenciar as práticas de recepção, engendram-se comunicação e técnica ou comunicação coletiva mediatizada, assim “A mediação dos diferentes suportes técnicos passou a ser estruturante na forma como se realizam e são interpretadas as diferentes práticas de comunicação social.”. Assim, as discussões sobre a temática da recepção mediática tornou-se complexa e, por isso, insere-se como objeto que justifica a busca de novos desafios e reelaborações.

Com o auxílio, principalmente, de Bernard Miége (1996), e Claire Belise (1992) nas discussões sobre pensamento comunicacional, Mauro Wilton Sousa (1998) entende que os modelos que sustentaram os estudos de recepção até a década anterior já exauriram, precisam ser reinterpretados e compreendidos à luz de uma perspectiva de superação das posturas das correntes fundadoras, onde o destinatário destrona o emissor. Neste contexto, notamos que a recepção vem sendo trabalhada como um conjunto de relações sociais e culturais mediadoras da comunicação como processo social ou atividade complexa de interpretação de produção de sentido e de prazer.

Ainda, por consenso entre os recentes estudiosos de recepção, parece ser a volta aos estudos culturais ingleses uma retomada necessária, pois esta perspectiva entrever que um grupo social negocia sua recepção a partir de sua própria cultura, memória social e expectativas de recursos simbólicos, pois, segundo Martín-Barbero (2001) comunicação é questão de produção e não de reprodução.

Num segundo instante, também Sousa (1999) lança mão de outras questões necessárias ao desenvolvimento de um eixo teórico mais consistente e menos limitante, que é a questão do pertencimento. Primeiro, o pertencimento social através da comunicação mediatizada precisa ser politizado, pois hoje o público não é construído com interesses públicos nem tampouco consumido como público. Segundo, o pertencimento se realiza pelos conflitos e a recepção participa desta tensão por acontecer numa esfera pública onde se afloram as expressões sociais.

Nas últimas décadas os estudos de audiência marginalizaram os aspectos informacionais, principalmente, a corrente dos usos e gratificações, bem como a passividade do receptor. Ancorou-se nos estudos culturais com foco nas mediações culturais. Este comportamento ensejou o mergulho e a aposta nas interações sociais, na negociação e nos usos privados dos meios (produtos). Todavia, lançou mão dos riscos que envolvem a possibilidade de uma dicotomização *suave* entre emissores e receptores. Segundo Orozco Gomes (2001), as mediações institucionais, por vezes, orientam, roteirizam pelo poder formativo e instrucional, caminhos aos receptores. Isto é limitante e mantém a dicotomia outrora assinalada por Baccaga (1998), entre dois polos, aparentemente distantes e analisados separadamente. (grifo nosso)

Por fim, encontramos na defesa de Eliséo Verón, no texto *Fragmentos de um Tecido* o indicativo da construção sedimentar de um eixo teórico dos estudos de recepção, bem como o direcionamento dos desafios a enfrentar na busca de novas perspectivas. (grifo nosso)

Sabe-se que a prospectiva é um exercício perigoso. Limitemo-nos a constatar toda uma série de temas tornados centrais na evolução social atual, em um contexto em que os quadros identitários tradicionais estão em crise: que sentido atribuir hoje a identidade individual? Como está a relação com a família, com o dinheiro, a sexualidade, a empresa, a unidade nacional, a inovação tecnológica, o serviço público? Como estão as relações entre homens e mulheres, entre adultos e adolescentes, entre cultura francesa e as outras? Eis algumas questões que atravessam a sociocultura. As mídias “trabalham” essas questões incansavelmente, a palavra política não tem grande coisa a dizer sobre isso. Ora, é por intermédio desse “trabalho” que os contratos das mídias com seus “consumidores” se fazem e se desfazem hoje: esses são os desafios da recepção. (grifos do autor) (VERÓN, 2004, p. 279-280)

Esta atmosfera implica mudanças sociais que indicam a ressignificação de uma sociedade mediática para uma sociedade mediatizada, onde meios de comunicação gerem as representações sociais, todavia, esta gestão senão é possível apenas por meio da negociação e dos contratos entre produção e recepção. Desta forma, Verón (2004) inaugura um novo modo de entrever as mediações, justamente com a noção de *circulação*, que dá conta da forma díspare como produção e audiência (reconhecimento) se relacionam, possibilitando uma dinâmica nos discursos que não produz modelos, não deixa marcas, mas sim transforma-se com o tempo. E isto é que produz os novos desafios dos estudos de recepção, bem como oferece um campo fértil para a produção

de novas convergências e deslocamentos na construção do eixo teórico da recepção e da própria comunicação. (grifo nosso)

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação & Educação**. São Paulo, [12]: 7 a 16, maio/ago. 1998.

BRITTOS, Valério Cruz. **Comunicação e cultura: o processo de recepção**. 1999. Disponível em <bocc.ubi.pt/pag/brittos-valerio-Comunicacao-cultura.html> 11 pág. Acesso em 05.01.2013.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Ed. UFRJ. 2001.

_____. “Gramsci com Bourdieu”. In: **Revista Nueva Sociedad**. Caracas-Venezuela, mar/abr. 1984, pp. 69-78.

_____. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Revista Opinião Pública**, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002, pp.40-53.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hackers, 2005.

FAUSTO NETO, Antonio. A deflagração do sentido: estratégia de produção e de captura de recepção. In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. USP, Editora Brasileirise. São Paulo, 1995.

GRISA, Jairo. **Histórias de ouvintes: A audiência popular no rádio**. UNIVALE, 2003.

JACKS, Nilda. Tendências latino-americanas nos estudos de recepção. **Revista Famecos**. Porto Alegre. nº 5. Nov/1996. Texto apresentado no GT Comunicação e Recepção. XVII INTERCOM, Piracicaba, 1994.

JACKS, Nilda. (org.) **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito – Ecuador. CIESPAL, 2011.

LEAL, Ondina Fachel. Etnografia de audiência: uma discussão metodológica. In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. USP, Editora Brasileirise. São Paulo, 1995.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisas de educação e recepção para os meios. **Comunicação & Educação**. São Paulo, [6]: 41 a 46, maio/ago. 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2001.

_____. **La educación desde la comunicación**. Bogotá. Grupo Editorial Norma, 2003.

MUÑOZ, Blanca. **Teoría de la pseudocultura**: estudios de Sociología de la Cultura e de la Comunicación de Masas. Madrid: Fudamentos. 1995.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La investigación em comunicación desde La perspectiva cualitativa. Facultad de Periodismo y Comunicación Social.** Universidad Nacion al de La Plata. Instituto mexicano para El Desarrollo Comunitário, A.C. Guadalajara. Jalisco, México, 2000.

OROZCO GÓMES, Guilherme. **Comunicação, educação e novas tecnologias**:

tríade do século. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (23): 57 a 70, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4520/4243>. Acesso em: 20 jan. 2013.

RODRIGUES, Janete de Páscoa. **Mídias e identidades culturais**: um estudo de recepção midiática do Balé Folclórico de Teresina no Piauí. 2006. 315 f. Tese (Doutorado). Universidade do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo - RS, 2006.

RUDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria social moderna**. Introdução aos fundamentos conceituais da Publicística. Porto Alegre: Fênix, 1996.

SOUSA. Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

_____. A recepção sendo reinterpretada. **Novos olhares**. nº 1. 1998. p. 39-46.

_____. Práticas de recepção mediática como práticas de pertencimento público. **Novos olhares**. nº 3. 1999. pp. 12-30.

WHITE, Robert. Recepção: a abordagem dos estudos culturais. **Comunicação & Educação**. São Paulo, [12]: 57 a 76, maio/ago. 1998.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 2004.

ZANCHETTA JR, Juvenal. Estudos sobre recepção midiática e educação no brasil. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1455-1475, set./dez. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 20.12.2012.